

O déficit norte-americano

O déficit comercial dos Estados Unidos referente a julho (US\$ 16,5 bilhões) confirma uma tendência ascendente verificada nos últimos meses. Esse déficit aumentou US\$ 800 milhões em relação a junho e não se pode antecipar qual o limite desse processo. Alguns analistas norte-americanos acreditavam em números mais sombrios, mas apesar do ocorrido, a perspectiva não é otimista para o curto prazo. Desde janeiro, acumula-se um déficit de US\$ 98,4 bilhões, e os que apostam em sua diminuição admitem que ela traduzirá apenas efeitos sazonais.

Com isso, a pressão sobre o dólar deverá continuar, apesar da forte desvalorização registrada nos últimos dois anos. Enquanto a tendência não indica qualquer sinal de reversão, os políticos norte-americanos discutem o projeto da nova lei de comércio, em meio a todo tipo de pressões políticas e econômicas. As versões do Senado e da Câmara conflitam em pontos delicados, que envolvem inclusive o próprio poder de veto do presidente, e isso num clima já marcadamente eleitoral. A rigor, existe uma correlação entre o déficit comercial e a legislação. A grande

pergunta que emana de setores hoje deficitários em seu comércio exterior não tem encontrado resposta adequada por parte dos legisladores: por que o país de economia mais aberta coloca em risco suas próprias atividades?

Há dúvidas, no Congresso, quanto ao enfoque por assim dizer filosófico que deve presidir à elaboração da nova lei de comércio. Embora existam argumentos favoráveis a uma legislação genérica, há pressões para que determinados setores da indústria sejam devidamente

protegidos da concorrência externa. É o caso das telecomunicações, do aço e da avicultura, entre outros, segmentos que interessam mais de perto às exportações brasileiras.

De qualquer modo, o déficit comercial não poderá expandir-se indefinidamente. A pressão sobre o dólar na área comercial pode estender-se — diretamente aos demais fluxos de capital. Países como o Japão, que fazem maciças aplicações financeiras nos Estados Unidos, poderiam reverter seu comportamento, a não ser que o governo norte-

americano forçasse uma elevação compensatória nas taxas de juros, a qual, por sua vez, acarretaria efeitos desastrosos para os países endividados.

De certo modo, a economia norte-americana vive um momento decisivo. Existe uma impressão quase generalizada de que não basta mudar a lei de comércio para promover a redução do déficit. Mesmo assim, é esta legislação que pode emanar uma orientação que influirá sobre o comportamento global da economia a curto prazo, tanto internamente quanto no resto do mundo.